**RECURSOS DIDÁTICOS, AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM NA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS NOS CURSOS TÉCNICOS EM ENFERMAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Sandra Maria de Mello Cardoso1, Zaléia Prado de Brum2, Narciso Vieira Soares3 Francisco Carlos Pinto Rodrigues4**

1 Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora do Instituto Federal Farroupilha- campus Santo Ângelo. Santo Ângelo-RS-Brasil. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Enfermagem Saúde e Educação (GEPESE). E-mail: scardoso@urisan.tche.br

2 Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Santo Ângelo-RS-Brasil. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Enfermagem Saúde e Educação (GEPESE). E-mail: zaleia@urisan.tche.br

3 Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Professor da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Santo Ângelo-RS-Brasil. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Enfermagem Saúde e Educação (GEPESE). Coordenador do PET/Redes na URI. E-mail: nvsoares@urisan.tche.br

3 Enfermeiro Mestre em Enfermagem. Professor da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Santo Ângelo-RS-Brasil. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Enfermagem Saúde e Educação (GEPESE). Coordenador do PET/Redes na URI. E-mail: francisco@urisan.tche.br

**RESUMO:** A formação de profissionais da enfermagem teve inicio na década de 40, com o surgimento dos hospitais escolas, os quais começaram a demandar por mão de obra qualificada. Nesse sentido, escrever sobre o ensino técnico torna-se relevante e realização deste relato de experiência se justifica. Teve como objetivo verificar o uso dos recursos didáticos frente ao processo de ensino aprendizagem na formação do técnico em enfermagem. Foi possível perceber que os professores não só se utilizam de muitos recursos didáticos no processo de ensino aprendizagem na formação do técnico em enfermagem como também se preocupam em formar cidadãos éticos e reflexivos com suas metodologias adotadas.

**Palavras-chaves:** recursos didáticos; técnico de enfermagem; educação.

**1 INTRODUÇÃO**

A formação de profissionais de nível médio de enfermagem teve início em 1942, diante ao aparecimento de hospitais-escolas, que levou à necessidade de contratação de profissionais especializados para auxiliar nos procedimentos médicos, visto que as enfermeiras eram responsáveis pelas atividades caracterizadas como administrativas (ASSMANN, 1998). A partir dos hospitais-escolas, da evolução tecnológica e das descobertas no processo saúde- doença, as instituições passaram a requerer profissionais mais bem preparados, melhor qualificados e com adequada habilidade técnica e manual, originando a educação profissionalizante em Enfermagem (VELLOZO, MARTINS, NASCIMENTO 1999).

Em 1966 foi criado o primeiro curso para formação do profissional Técnico de Enfermagem na Escola Ana Néri, sendo a regulamentação para o exercício desta profissão reconhecida 20 anos mais tarde, a partir da publicação da Lei do Exercício Profissional nº 7.498/86, que foi regulamentada pelo Decreto-Lei nº 94.406/87 (BRASIL, 1986). Essa lei diferencia as atribuições dos diferentes profissionais de enfermagem e estabelece a diferença entre os profissionais de nível médio (VELLOZO, MARTINS, NASCIMENTO 1999).

Como a equipe de enfermagem é responsável pelo cuidado direto ao paciente para atender suas necessidades básicas, promovendo bem-estar, higiene e conforto nas 24 horas do dia, foi percebido que esses cursos de técnico de enfermagem fossem ministrados por enfermeiros-docentes com competência técnica, domínio do conteúdo e conhecimento da prática didático-pedagógica (ZOCCHE, 2007).

Diante dessas responsabilidades dos profissionais auxiliares e técnicos de enfermagem na assistência à saúde, percebeu-se a necessidade de que os cursos fossem ministrados por profissionais docentes, ou melhor, enfermeiros-docentes com competência técnica, domínio do conteúdo e conhecimento da prática didático-pedagógica. Em 1968 foi estabelecida a licenciatura ou formação pedagógica como requisito para os enfermeiros docentes do ensino profissionalizante de enfermagem.

Frente a isso, os enfermeiros na docência do ensino profissionalizante em enfermagem esbarram no conhecimento da didática e da pedagogia, pois, durante o bacharelado, a educação ainda atenta para as atividades assistenciais de caráter curativo e fragmentado, preparando o aluno para o cuidado das tarefas diretas ao paciente (SILVEIRA e CORRÊA, 2005).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n. 2 9394/96 (BRASIL, 1996), estabeleceu a educação profissional de nível básico, tecnológico e técnico, que corresponde ao auxiliar e ao técnico de enfermagem, objetivando promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, a qualificação, a reprofissionalização e a atualização, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicos para o exercício de atividades produtivas.

Para acontecer o processo de ensino-aprendizagem é importante que o professor utilize recursos didáticos de forma a auxiliar na comunicação e transmissão de seus conteúdos e ideias aos alunos. O docente, enquanto comunicador, deverá saber quais, quantos e quando utilizar o recurso mais adequado em sua tarefa de ensinar, para que assim, possa oferecer um ensino de qualidade.

A Didática utilizada pelo professor em sala de aula pode ser compreendida como:

“aquela vivenciada pelos professores nas escolas a partir do trabalho prático em sala de aula, dentro da organização escolar, em relação com as exigências sociais. Esta não tem por compromisso comprovar os elementos teóricos estudados em livros ou experimentados em laboratórios, mas tem em vista o aluno, seus interesses e necessidades práticas” (PURA, 1989, p. 21).

A partir dos anos 90 até a época atual, a didática tornou-se instrumento para a cooperação entre processor e aluno, para que aconteça efetivamente a apropriação dos processos de ensinar e de aprender. Atualmente o aluno não é mais um mero ouvinte, pois passou a ter um caráter questionador em uma nova relação baseada nas indagações do contraditório.

Diante do exposto e pelo fato dos professores de um curso técnico de enfermagem ser enfermeiros, sem uma formação para docência, esse estudo se justifica e tem como objetivo verificar o uso dos recursos didáticos frente ao processo de ensino aprendizagem na formação do técnico em enfermagem.

**2 METODOLOGIA**

Trata-se de um relato de experiências. Após definir o problema que norteia esta investigação bem como seu objetivo, foi definido como iria se realizar a pesquisa.

A mesma foi desenvolvida no município de Santo Ângelo, em uma escola que oferece o curso de Técnico em Enfermagem. Após ter a autorização da direção da escola e de colegas enfermeiras que ministram aulas nesse curso, assisti três aulas de três enfermeiras professoras, com disciplinas diferentes e que ainda não possuem uma formação pedagógica completa.

As aulas tiveram início às 19h30min horas e término às 22h30min horas, com intervalo de 15 minutos. A grande maioria dos alunos trabalha durante o dia. As professoras estão graduadas como enfermeiras há mais de seis alunos, e todas elas atuam como enfermeiras durante o dia em um hospital do município. Para a pesquisa propriamente dita, empregamos a análise qualitativa de observações e anotações subsequentes de comentários, manifestações de dúvidas e perguntas em geral, formulados pelos alunos nestas aulas específicas, bem como a metodologia e didática utilizada pelos professores.

**3 RESULTADOS E ANÁLISES**

A resolução de problemas é uma importante contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando aos alunos mobilizarem conhecimentos e desenvolverem a capacidade para gerenciar as informações que estão a seu alcance dentro e fora da sala de aula.

Em uma das aulas assistidas, o professor após explicar o assunto sobre ética, pediu para os alunos lerem em grupo, artigos de jornais e revistas por ele trazidos, os quais tinham muitos exemplos e problemas de condutas éticas ou então a falta dessas condutas. Depois que os alunos leram, pois os grupos haviam ganhado artigos diferentes, pediu que um de cada grupo, relatasse o que foi entendido por eles e abriu discussão sobre ética baseado nos problemas relatados por eles.

Essa foi uma metodologia de ensino utilizada pela professora que procura apresentar roteiros para diferentes situações didáticas, de forma que o aluno se aproprie dos conhecimentos. A metodologia de ensino é uma expressão que teve a tendência de substituir a expressão "didática", que ganhou uma conotação pejorativa por causa do caráter formal e abstrato dos seus esquemas que não estão bem inseridos em uma verdadeira ação pedagógica. Assim, a metodologia de ensino é a parte da pedagogia que se ocupa diretamente da organização da aprendizagem dos alunos e do seu controle.

Os alunos receberam estímulos por meio da leitura dos artigos dos jornais, de fatos ocorridos no dia a dia das pessoas e, conseguiram organizar seus conhecimentos, interagindo informações, compreendendo melhor o assunto abordado pelo professor. Assim, o ensino quando está centrado na pessoa, o professor orienta o aluno para a vida, a fim de que ele consiga agir em sociedade. Nesta perspectiva a aprendizagem deve ser significativa, modificando o comportamento e as atitudes. Dessa forma a metodologia utilizada pela professora pode incentivar a reflexão desses materiais para o desenvolvimento das capacidades de assimilação e acomodação.

Em outra aula assistida, desta vez ministrada pelo professor de primeiros socorros, o mesmo, após ter apresentado e discutido com os alunos sobre massagem cardiorrespiratória, dividiu-os em grupos e em cada grupo colocou uma situação diferente sobre a qual deveriam decidir se fariam ou não a massagem cardiorrespiratório e como iriam fazer. Além disso, comentou sobre a avaliação nesse processo.

A resolução de problemas em sala de aula é uma habilidade pela qual o indivíduo externaliza o processo construtivo de aprender, de converter em ações, conceitos, proposições e exemplos adquiridos (construídos) através da interação com professores, pares e materiais instrucionais.

Despertar no aluno o gosto pela resolução de problemas não é tarefa fácil, muitos são os momentos de dificuldade, obstáculos e erros. Isto acontece porque professores e alunos não conseguem distinguir um problema que é uma “situação que demanda a realização de uma sequência de ações ou operações para obter um resultado. Ou seja, a solução não está disponível de início, mas é possível construí-la” (MEC, 1998).

Muitos dos alunos acharam que deveriam executar a massagem cardiorrespiratório em todas as situações, o que não era o caso. Se os alunos conseguem interpretar a proposta do enunciado da questão, sabendo estruturar algumas ou todas as situações apresentadas, desenvolvendo várias estratégias de resolução incluindo a verificação das mesmas e do resultado, os alunos têm em mãos um exercício que exige apenas a aplicação de um procedimento sem a necessidade de criar estratégias para resolvê-lo. A proposição de problemas deve estar vinculada aos objetivos didáticos, à realidade escolar e à extraescolar do aluno. Trata-se, portanto, de trabalhá-los em sala de aula através do desejo dos alunos de resolvê-los. Deste modo, professores e alunos desenvolvem o gosto pela busca de novos conhecimentos se os problemas desafiarem a curiosidade estimularem a pesquisa e motivarem a busca por novas estratégias que serão utilizadas e se todo esse conhecimento permitir desenvolver capacidades, tais como: o pensar, raciocinar, questionar, criar estratégias e compartilhar ideias para encontrar uma solução ao problema.

Neste caso, o professor explicou novamente a massagem cardiorrespiratória. Após solicitou que os grupos desenvolvessem novamente o trabalho em grupo, certificando-se da compreensão de todos.

Uma avaliação que busca a transformação social deve ter como objetivo o avanço e o crescimento do seu educando e não estagnar o conhecimento através de práticas disciplinadoras. Segundo Ludke (2005) a avaliação consiste em verificar o que o aluno aprendeu e se os objetivos propostos foram atingidos e se o programa foi conduzido de forma adequada. Deve representar um instrumento indispensável na verificação do aprendizado continuo dos alunos, destacando as dificuldades em determina disciplina e direcionando os professores na busca de abordagens que contemplem métodos didáticos adequados para as disciplinas.

Em sala de aula o professor pode trabalhar com as tentativas e os erros dos alunos, observando o caminho usado para chegar à solução do problema. Essa observação servirá para compreender o raciocínio dos educandos e preparar as discussões em torno da resolução desses problemas, com o intuito de conceber processos de resolução diferentes dos já aprendidos.

Em outra aula assistida, desta vez ministrada pela professora da disciplina saúde da mulher. Ela deu sequencia do conteúdo anterior, e após uma hora de aula, ela elaborou uma situação problema para os alunos, com base nos conteúdos já trabalhados. A situação-problema era dentro da sala de aula. Esse tipo de avaliação permite ao professor conhecer o nível de domínio que os alunos adquiriram de uma competência. Avaliar competências significa avaliar sua aplicação em situações reais, em contextos reais, próximos a realidade. No PPP da escola está dito que a abrangência da avaliação envolve, entre outros, capacidade criadora para resolver problemas, tomado por base o trabalho em equipe, além da capacidade de agir diante de situações apresentadas.

Em todas as aulas assistidas, de todos os professores, a relação construída entre aluno e professor era baseada no respeito e confiança e, não era só conhecimento, mas também permitia a construção de sujeitos éticos e responsáveis. Os professores costuravam entre os conhecimentos, assuntos sobre éticas e relacionamento com o público que iriam trabalhar, formando assim, além do profissional técnico em enfermagem, cidadãos críticos e reflexivos. Isso ia ao encontro do PPP que diz que a educação é concebida como processo de formação integral e permanente do ser humano, através da construção do conhecimento, vivências e valores da cidadania, tornando-os aptos a compreender, analisar e intervir na realidade, tendo em vista o bem estar no plano pessoal e coletivo.

Todo professor quando começa a trabalhar com resolução de problemas que exijam habilidades para desenvolver suas competências, pois ele “deve ter objetivos concretos que favoreçam seus alunos na produção de determinadas transformações, isto é, que estes adquiram certos conhecimentos e capacidades. O ensino e os métodos didáticos empregados devem estar em função destes objetivos” (VALLEJO,1979, p 34).

Em relação a prática avaliativa, segundo Ludke (2005) tem que centrar-se no diagnóstico e não na classificação. A função classificatória é analisar o desempenho do aluno através de notas obtidas, geralmente registrada através de números. Ela retira da prática da avaliação tudo o que é construtivo. Por sua vez, a diagnóstica constitui-se num processo de avançar no desenvolvimento e no crescimento da autonomia do educando, sendo capaz de descobrir seu nível de aprendizagem, adquirindo consciência das suas limitações e necessidades a serem avançadas. Ela tem que ter como finalidade fornecer informações sobre o processo pedagógico que permitam aos docentes definir sobre as interferências e as mudanças necessárias na face do projeto educativo. Esse que precisa ser definido coletivamente para que possa garantir a aprendizagem do aluno de forma democrática. É essencial perceber o aluno como ser social e político que possui a capacidade de pensar criticamente sobre seus atos e dotado de experiências, sujeito de seu próprio desenvolvimento.

**3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma das maiores preocupações de alguns professores é simplesmente cumprir os conteúdos programáticos, valorizando a quantidade e esquecendo-se da qualidade e principalmente de uma aprendizagem significativa. Para que haja uma aprendizagem significativa é preciso buscar novos métodos de ensino, novas alternativas e recursos inovadores que possibilitem aos educandos criarem seus conceitos, descobrirem novos meios para se chegar a um resultado e aprender de forma dinâmica. A aprendizagem é a construção do conhecimento e não algo já pronto que o professor impõe, para que os alunos aceitem como verdade absoluta, o aluno é um sujeito ativo nesse processo. Nesse contexto é fundamental o papel do professor não como o detentor do conhecimento, mas mediador que auxilia, dá suporte e estimula os alunos na construção de seus conceitos. Dessa forma, surge a necessidade de o professor criar seu próprio material de apoio para facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

A didática é de extrema importância para o docente no momento de sua atuação profissional, ela faz parte da profissão. Não basta o educador conhecer muito bem o conteúdo, tanto na teoria como na prática, ele deve saber ensinar, passando seus conhecimentos para o educando de forma que ele entenda o que está sendo transmitido. Além de saber como ensinar, o docente deve saber cativar o aluno, pois, muitos alunos não participam em aula ou apresentam um desempenho não muito satisfatório em uma determinada disciplina, porque não gostam ou não simpatizam com o professor. Ser criativo no momento do preparo das aulas e no momento em que se encontra em sala de aula, também é de suma importância, estamos convivendo com um tipo diferente de aluno, a modernidade trouxe tantas novidades e tecnologias diferentes, que o momento em sala de aula precisa despertar a curiosidade do aluno.

Também é necessário que o docente saiba ser flexível perante os seus alunos, pois eles não são todos iguais, sendo que a mesma disciplina pode ser abordada de formas diferentes de acordo com o curso em que será ministrada. Estudar continuamente estudando, também faz parte da didática, pois os conteúdos estão continuamente mudando, o mundo está em continua evolução, e o que parece ser uma verdade hoje, em alguns dias pode não ser mais. Na área da saúde, por exemplo, grandes ou mesmo pequenas descobertas acontecem quase que diariamente, deixando para trás conhecimentos do passado.

Além de ser muito importante, para a aprendizagem que o docente conheça a realidade do aluno, o mundo em que ele vive, o nível de conhecimento do mesmo, para que esses aspectos sejam levados em consideração no momento do ensino-aprendizagem. Nesse estudo foi possível perceber que os professores se utilizam de muitos recursos didáticos no processo de ensino aprendizagem na formação do técnico em enfermagem. Também foi possível perceber que eles se preocupam em formar cidadãos éticos e reflexivos com suas metodologias adotadas. O professor deve levar seu aluno a superar os procedimentos padronizados, próprios de uma didática desvinculada de situações reais, é possível consolidar essa nova relação do aluno com o conhecimento adquirido na resolução de problemas. E isso os professores das aulas que assisti, conseguiram fazer muito bem.

**4 REFERÊNCIAS**

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação:** epistemologia e didática. 2. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

BORGES, Regina Maria Rabello. **Em debate:** cientificidade e educação em ciências. Porto Alegre: Cecirs, 1996.

BRASIL. **Lei n. 7.498, de 25 de junho de 1986.** Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 26 jun. 1986.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Poder Executivo. Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CARRAHER, Terezinha Nunes. **Aprender pensando:** contribuições da psicologia cognitiva para a educação. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CHARTIER, Anne Marie. Um dispositivo sem autor. Cadernos e fichários na escola primária. **Revista Brasileira de História da Educação.** Campinas, n.3, p.9-26, jan-jun. 2002.

DANTAS, Rosana Aparecida Spadoti; AGUILLAR, Olga Maimoni. O ensino médio e o exercício profissional no contexto da enfermagem brasileira. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 7, n. 2, abr. 1999.

DANTE, Luiz Roberto. **Didática da resolução de problemas de matemática.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

DELEUZE, Giles. **Qué es un dispositivo?.** In: BALBIER, E. et al. Michel Foucault Filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990. 155-163.

FERREIRA, Liliana S. Educação, paradigmas e tendências: por uma prática educativa alicerçada na reflexão. OEI – **Revista Iberoamericana de Educación**, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

GOMES, Lucas Ferreira; FEDRIGO JUNIOR, Luiz Marcos; KIST, Milton. **Uma abordagem de juros sob a perspectiva da resolução de problemas.** III EIEMAT. Escola de inverso de educação de matemática. 1º Encontro nacional PIBID- Matemática, 2012.

GRASSESCHI, Maria Cecíla Castro; ANDRETTA, Maria Capucho; SILVA, Aparecida Borges Santos **PROMAT:** projeto oficina de Matemática. São Paulo: FTD, 1999.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Letramento em leitura, matemática e ciência. Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA).** Ministério da Educação e do Desporto, Brasília-DF. 2003. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/internacional/pisa/default.htm>. Acesso em: 19 abril de 2015.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Avaliação de habilidades matemáticas. IV Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF).** São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.ipm.org.br/download/inaf04.pdf>. Acesso em: 24 abril de 2015.

KOBAYASHI, Rika M.; LEITE, Maria Madalena Januário. Formação de competências administrativas do técnico de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 12, n. 2, mar./abr., 2004.

LEITE, L et al. **Tecnologia educacional: mitos e possibilidades na sociedade tecnológica.** Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, v. 29, n. 148, p. 38-43, jan./mar., 2000.

LESAGE, P. **A pedagogia nas escolas mútuas do século XIX.** In: BASTOS, M. H. C.; FARIA FILHO, L. M. de (Orgs.). A escola elementar do século XIX: o método monitorial/mútuo. Passo Fundo: Universidade Passo Fundo, 1999. p. 9-24.

LÜDKE, Meng. A trama da avaliação escolar. **Pátio Revista Pedagógica**. nº 34 – ano IX. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MAISSIANT, Greisse da Silveira; CARRENO, Ioná. **Enfermeiros docentes do ensino técnico em enfermagem:** uma revisão d revista destaques acadêmicos. CCBS/UNIVATES, ano 2, n. 3, 2010.

MARQUES, Maria Osorio. **A escola no computador:** linguagem rearticulada, educação outra. Ijuí: Unijuí, 2006.

MERCADO, Luiz Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias.** Maceió: EDUFAL, 1999.

Ministério da educação e cultura (MEC) **Parâmetros Curriculares Nacionais (PNC)**. Matemática. 1998.

Ministério Educação e Cultura (MEC) - **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental, Ministério da Educação e do Desporto, Brasília, DF, 1998.

OLIVEIRA, Janete Maria de; MAFTUM, Mariluci Alves; WALL, Marilene Lowen. Critério de avaliação de aluno: uma construção dos docentes do curso técnico em enfermagem do CEPE. **Revista Cogitare Enfermagem**, Paraná, p. 26-33, jan./abr. 2005.

POLYA, George. **A arte de resolver problemas.** Rio de Janeiro: Interciência, 1978.

PURA, Lúcia Oliveira Martins. **Didática Teórica e Didática Prática.** São Paulo: Loyola, 2000.

RABELO, E. H. **Produção e interpretação de textos matemáticos: um caminho para um melhor desempenho na resolução de problemas.** 1995. Disponível em: <http://www.bibli.fae.unicamp.br/cat/423.htm>. Acesso em: 22 abr. 2015.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** Petrópolis: Vozes, 1986.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórica-crítica:** primeiras aproximações. São Paulo: Autores Associados, 2003.

SCHOENFELD, Alan. **Resolução de problemas matemáticos.** 1985. Disponível em:<http://www.planetaeducacao.com.br/professores/suporteaoprof/pedagogia /teoria31resprobmat.asp>. Acesso em: 22 abr. 2015.

SECAF, Vitória. **A licenciatura em enfermagem e a prática de ensino: uma revisão crítica de sua evolução na Universidade de São Paulo.** 1987. [Tese de doutorado], São Paulo, 1987.

SILVA, Maria; SANTOS, Maria Carmem; PICININI, Neiva Maria. **Utilização dos recursos didáticos no ensino aprendizagem do estudante de graduação em enfermagem.** 61 Congresso Brasileiro de Enfermagem. Anais. Dez, 2009. Disponível em:<www.abeneventos.com.br/anais\_61cben/files/indices.pdf>. Acesso em: Acesso em: 22 abr. 2015.

SILVEIRA, Porto. **O que é um problema matemático?.** 2001. Disponível em: <http://athena.mat.ufrgs.br/~portosil/resu.html>. Acesso em: 22 mar. 2015.

SILVEIRA, Renata; CORRÊA, Adriana Kátia. Análise integrativa da literatura (1999-2003): ensino em educação profissional em enfermagem. Revista de Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, p. 91-96, 2005.

SOUZA, Rosa Fátima de. **O ofício do professor.** São Paulo: Unisp, 1999.

VALLEJO, Morales. **Manual de avaliação escolar.** Coimbra: Almedina, 1979.

VELLOZO, Vtória; MARTINS, Maria Inês; NASCIMENTO, Rejane do. Articulando ensino e pesquisa: construindo uma proposta de capacitação para docentes do ensino técnico. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, 1999.

VIANA, LIGIA DE OLIVEIRA. A formação do enfermeiro para o ensino de nível médio em enfermagem:uma questão de competência. **Revista Eletrônica Enfermeria Global**, n. 9, nov. 2006.

ZOCCHE, Denise Antunes de Azambuja. Educação profissional em saúde: reflexões sobre a avaliação. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, p. 281-295, jul. 2007.